



A Trombeta escitai dos Lusitanos,  
E se rouca tocar... tremei Tyrannos!

O TROMBETEIRO.

## A TROMBETA LUZITANA.

De muita paciencia necessita quem vive no seculo actual. Hoje suspeita e verdade, são sinónimos; entre imaginar e publicar, não medeia huma linha. Entre nós, agora, o ente mais abjecto (1) cresce com hum direito poderoso de atacar, e insultar todos os homens indistinctamente conheça ou não conheça, tenha ou não tenha causa. Appareceo a Trombeta, soltando sons agudos, e armonicos pelos horisontes portuguezes, e todos os amadores deste instrumento lhes prestarão hum ouvido attentissimo, sem com tudo lhes importar quem o soprava. Porém, os satellites da noute, que só se delectão com a dissonancia, sahirão espavoridos de seus antros nocturnos, morderão-se, descabelarão-se, e em altos alaridos perguntarão quem era o instrumentista. Nada havia mais facil de saber, indo-se á imprensa indagalo; e he bem natural que assim fizessem, porque o outhor he tão conhecido, quanto procavado hoje, pelas ruas, onde se lhe fazem esperas de noute. Mas a *cáfila* devia aproveitar-se desta fingida ignorancia, para vomitar injurias sebro aquelles a quem jurou hum impla-

cavel odio, e procura a todo o custo denigrir.

Assim o fez. Divulgou primeiro que o Redactor da Trombeta, era hum honrado Depp. da passada Legislatura; logo depois indicou outro da presente; e em fim, voltou-se contra o general Stokler, cubrindo-o ao mesmo tempo de insultos, e vituperios. Nós como ainda conservamos, e conservaremos até ao ultimo suspiro vital, os sentimentos da honra, e da civilidade, fomos perguntar a este general, se queria que esclarecessemos o publico, sobre a falsidade de huma tal imputação. » Senhores, nos disse, não desperdiceis a vossa tinta nessas futilidades; a minha resposta he o desprezo.» Hoje porém, que este general vê atacada de perto, e sem pejo algum, a sua honra, e dignidade, julga-lhe dever-lhes hum sacrificio, e nos envia a seguinte Carta.

Senhor Redactor da Trombeta.

O invencivel horror que tenho a constituir-me accusador de pessoa alguma, por quao perversa ella se tenha qualificado, me impede neste momento de citar perante o Jury ao libelista, foliculario redactor do — Campeão — Lisbonense. Este maledicente, e despresivel escrevinhador, que mais de huma vez tem procurado denigrir, e enxovalhar o meu nome, no seu abjecto e nojento periodico, e a quem tenho tractado com todo o desprezo, que a sua indignidade inspira em todos os corações bem formados, acaba de accusar-me diante do Publico, em o supplemento ao seu

(1) Nós atégora ainda nos não podemos conformar com o maravilhoso systema da igualdade, prociamado pelos *Jarrapões* da Franca, porque ainda nao vimos dous homens iguaes, havendo tantos milhões delles no mundo. Logo que os encontrarmos, não teremos duvida em exclamar: Viva o illuminado systema dos — *Jarrapões*.

n.º 143 de incitador de revoluções, e de pertencendo arrojar a nossa Patria nos horrores da anarchia; dizendo-me colaborador do Jornal intitulado — Trombeta Luzitana, que vós publicaes tres vezes cada semana, e que elle reputa incendiario, e mesmo positivamente dedicado a excitar commoções perigosas entre nossos Concidadãos.

São tão melindrosas as actuaes circumstancias Politicas da Nação Portugueza, e as minhas proprias, que bem a meu pezar me vejo obrigado a procurar desmentir este infame escrevinhador, bem como aos seus instigadores, pedindo-vos que queiraes desenganar aquella parte do Publico, a quem elles têm conseguido illudir, fazendo-lhe acreditar esta nova calumnia; que sem duvida inventarão neste momento, só com o fim de contrabalançarem de algum modo, no espirito dos bons Portuguezes, as impressões favoraveis á minha causa, que em seus animos deverão ter produzido os escriptos por mim ultimamente publicados. Espero que em abono da verdade, e em consideração á desgraça dos tempos, e ao melindre das circumstancias, que me forçao a este passo, vos dignareis de annuir a esta tão justa requisição, de hum cidadão tão injustamente calumniado, como atrozmente persiguido, e que he além disso: Vosso

Mt.º attento e obsequioso vener.º

Lx.ª 17 de Dezembro de 1822.

Francisco de Borja Garção Stokler.

RESPOSTA.

General.

Tenho a honra de accusar a recepção da carta de V. Exc.ª, e me cumpre assegurar-vos a sua prompta publicação em Jornal que redijo.

Convencido de que a honra, e o decóro pessoal são os primeiros thesouros de que o homem deve fazer o maior apreço, julgaes como necessario fazer ao Publico huma declaração, que aliáz eu devera ter prevenido. Porém, senhor, medindo o longo intervalo que entre vós existe, e os vossos calumniadores, julguei inutil faze-la, por isso que fazendo justiça á maioria de nossos concidadãos, me persuadi, e persuado ainda que elles conhecerião a astuta infamia com que se propunhão a macular vossa honra.

Vós não ignoraveis que hum virtiginoso espirito de discordia, emprega hoje todas as suas forças para destruir estes primeiros

laços que prendem o homem á sociedade. A moral he hum pezo insupportavel, a virtude hum fantasma vão, e o crime huma doçura: tal he a doutrina que professão; e vós sabeis o estado a que o homem se pôde reduzir quando desconhece outra. Os que tão atrozmente vos insultão em vossa desgraça, são os mesmos que se fazem justiça a si proprios. Hum verdadeiro prudente, não lançaria mesmo seus olhos sobre tão objectos seres.

Vós não deveis acreditar que o judicioso Publico desta capital, que hoje perfeitamente me conhece, vos attribua a redacção do meu Jornal. Isto poderia gressar, se Lisboa toda não soubesse já as traições, e attentados que contra minha pessoa se tem urdido por diferentes vezes, e que eu tenho sabido já evitar, já repelir. He verdade que as Authoridades fingem desconhecer estes factos de publica notoriedade, talvez para se eximirem ao penoso dever de evitar o crime! mas apezar disso todos sabem que não sois vós.

Tereis visto sem duvida os vituperios com que os mesmos que vos insultão, me hão insultado; mas também sabereis o despresivel abandono com que os trato, sem perder hum momento em me voltar para elles, não só por serem indignos disso, mas para não interromper a nobre marcha a que me prepuz, e de que o poder dos homens não he capaz de me fazer arredar. Idolatra da liberdade, detesto todas as facções; e se só por intrevenção dellas, eu a podesse gosar, preferiria antes a escravidão.

Permitti, senhor, que vos affiance a minha estima, e mui distincta consideração com que tenho a honra de ser:

De V. Exc.ª

Respeitoso servidor

Lx.ª 18 de Dezembro de 1822.

Manoel Joaquim da Roza.

---

## A RAINHA DE PORTUGAL.

Cada vez que nos recordamos do memorando, e atroz acontecimento que se passou com S. M. F. a Rainha do Reino Unido de Portugal Brazil e Algarves, hum sentimento, misturado de indignação se apodera de nossas faculdades, e nós instiga a discorrer sobre tão grande assumpto, com aquella vehemencia e denôdo que inspira a justiça postergada, e a innocencia

oprimida. Quanto nos custa neste mesmo momento sustentar a penna, e guiá-la com moderação! As sagradas promessas, feitas á face dos altares, a hum Povo que idolatra os seus Monarchas; o voto universal deste mesmo Povo, que só consentio na mudança do seu regimen, debaixo das essenciaes clausulas da garantia da Familia Reinante, e da Religião Nacional; a Lei desta mesma Religião que prohibio o divorcio; o decoro e contemplação devidos a hum Rainha, e a hum Rainha esposa de hum Rei que faz as delicias do seu Povo; o amor conjugal; a ternura maternal; a perda da patria, tudo vem n'um turbilhão apresentar-se á nossa idéa, para nos fazer encarar as revoluções debaixo de hum aspecto horrivel! Qual seria o Portuguez, digno deste Nome, que ousaria, ainda ha bem pouco tempo imaginar que a sua Rainha havia de ser condemnada, innocente ao divorcio, e ao desterro!!! (1) E he este o reinado da Justiça, e o seculo das luzes?! Eis-aqui por que os Soberanos alliados dizem em seus Manifestos, que a Revolução de 1820 na Peninsula tem por alvo a destruição dos thronos. Que dirão elles agora sabendo esta bella noticia? E que dirão os partidarios delles? dirão que são bons profetas, porque as profecias vão começando a virificar-se. A' vista disto como querem que não haja descontentes? Como se pôde fazer prosperar hum causa de tanta importancia e melindre, que logo ao nascer teve inimigos, se se estão procurando todos os meios de a fazer odiosa?!

He impossivel que haja hum homem tão abjecto, e fraco que diga: »Eu prefiro o imperio absoluto ao da Lei» Todos gostão da Liberdade, mas ninguem quer ser calcado em nome della; e quando se vê guialla por caminhos tortuosos, e todos oostos áquelle por onde a esperão, os homens desconfião, entrão em interpretações, e chegão a abjurála. Nós calculamos pelo estado da opinião Publica, que a causa perdeu, com este ac-

(1) E então por quem!! Talvez que poucos tinham dado a atenção que nós temos dado aos dous votos dos Conselheiros Braamcamp, e Moura; porque nem todos sabem as particularidades que ha entre estes dous individuos. Todas as vezes que houver conselho, notem a uniformidade de voto com que sempre se distinguem. Se nós tiveramos para com suas pessoas, a mesma contemplação que elles tiverão para com S. M., diria-mos alguma cousa de sua conducta, que não lhes havia de agradar muito!...

contecimento de S. M. a Rainha, mais de cem mil amigos, e hum milhão de indifferentistas. Quem se persuadio que a Nação não tomava hum vivo interesse nisto, ou não conhece o Povo Portuguez, ou está com a cabeça esturrada, das noutes que passa em claro... He absolutamente impossivel riscar-lhe este amor, esta afleição á Realeza, que se acha gravada em seus corações. Ainda não ha muitos dias que a pouca distancia desta capital; estavam dizendo os habitantes do campo, reunidos em circulo; — que seria mais facil morrer hum por hum aos pés de S. M. do que deixarem-A partir. — Meus amigos, deste Povo, não se fazem Filosofos de Genebra! Nem Deos tal permita!

## AO CENSOR.

Ouvistis, mercenario, dize lá a teu amo que muita honra nos faz em nos chamar Aristocrata; e que elle mesmo se desvaneceria em o ser, se podesse deixar de ser *ferreiro, e sans-culot, vulgô, miseravel farrapão*. O'ra não te esqueça.



## O RECRUTAMENTO.

Os homens são pela maior parte das vezes tão victimas de hum palavra, como entusiastas da novidade. Quando se reunio a Legislatura Constituinte hum das primeiras reformas em que se empenhou, foi a da total extincção das Ordenanças. O Povo, não deixou de gostar disto, porque gosta de tudo quanto possa eximilo á obediencia, e aos encargos. Porém, aquelles que sabem como estas cousas são, poserão-se á espreita, para verem como se havia de fazer hum recrutamento, quando fosse necessario. Venceo-se no Congresso que o exercito fosse prehenchido, e levado ao seu total de campanha. A Comissão da Guerra, apresentou o plano porque este recrutamento se deve fazer, o qual consiste em entregar esta importante tarefa ao enidado e authoridade dos Coroneis de Milicias. Tem entrado em questão qual das duas corporações era mais pesada aos Povos; porém a pluralidade convem em que seja a das Milicias; porque nestas ha obediencia activa, e nas outras era só passiva. A hum Capitãomór desobedecia-se impunemente; porém não a hum Coronel de Milicias, cujo regulamento obriga como na linha. Portanto, hum Coronel de Milicias exerce hum authoridade muito maior, do que aquella que

exercia hum Capitão-mór; e por isso pôde opprimir muito mais os Povos, quando não seja recto e probó.

Dada pois aos Coroneis de Milicias a authoridade de fazer o recrutamento, veremos em cada districto, não hum Capitão-mór, mas hum cento delles, principiando pelo Coronel, e acabando no ultimo cabo d'esquadra, e passando depois aos Camaristas, e ao official commissario do Corpo para onde se recruta; todos estes tem suas attribuições *patronaticas*, e todos.... e todos.... vamos adiante; e sobre quem recae todo este pezo enorme? sobre os mesmós que exultarão o outro dia com a queda dos Capitães-mores! Sedo os ouviremos clamar contra tantos substitutos. Hum Capitão-mór, de máo character, podia vexar os Povos; porém hum Coronel de Milicias pôde arruinallós. Nem todos os Capitães-móres são prevaricadores, assim como nem todos os Coroneis são honrados. A falta de selecção que ha huns poucos de annos se tem feito, para Coroneis de Milicias, faz com que o sejam hoje homens que nada tem de seu, (nós os conhecemos) e que vivem á custa do Regimento. Imagine-se agora hum destes com a authoridade de recrutar para a linha, e veja-se que tal elle senão fará, e em que estado não ficará o districto!! Mas não importa, porque se não chamão Capitão-móres! Dir-nos-hão, oh! mas castiga-se os que prevaricarem: e nós respondemos: oh! castigassem-se tãobem os Capitães-móres que prevaricavão. Ha Coronel de Milicias que já não dá a funcção até ao fim do recrutamento por menos de 25 ou trinta mil cruzados. Mas que importa, se elles senão chamão Capitães-móres?! Agora, á moderna tudo vai das palavras.

O que nós estamos a observar agora com muita attenção, he a maneira porque se procede ao recrutamento; isto he, se se continúa com o tyranico e detestavel uso de prender e tractar aquelles que hão de hir deslender a Patria, como se prendem e tractão os facinorosos, salteadores de estrada, &c. assim como tãobem, se continuárão a sequestrar-lhe os bens, pôr-lhes soldados ás portas, e prenderem os pais &c. Nós conhecemos perfeitamente a repugnancia que ha no Povo Portuguez para a profissão das armas; mas não podemos deixar de confessar que ella tem hum justo fundamento pelas revoltantes violencias que se lhe fazem, e pela recompensa que depois os espera, no fim de muitos annos de serviço,

que ordinariamente hirem pelas portas desaliar a compaixão das almas sensiveis. Se este recrutamento chega a verificar-se, não teremos duvida em cantar de dia, e noute: *Laudate Dominum, quia mirabilia fecit.*

#### RUMOR PUBLICO.

Ha dias que nesta capital se espalhou a noticia, talvez fundada na participacão do Diario de que podiamos viver tranquillos sobre as deliberações do Congresso de Verona, a respeito da Peninsula. Se o Governo recebeo participacões officiaes, que assim o assegurem, porque as não publica? Quererá elle retardar-nos huma tão aprazivel noticia, para nos ter por mais tempo entre o temor, e a esperanza? Ha quem diga que esta noticia foi mui de proposito inventada e espalhada para tranquilisar os espiritos, que hoje se achão na maior agitacão, já com o estado politico dos negocios externos, já com a alta violencia, que se intentava fazer a S. M. a Rainha de Portugal. Não se fíem pois nossos concidadãos em taes boatos, para dormirem socegados á borda do precipicio. A França ainda conserva hum exercito de cincoenta mil homens, que denomina — de Hespanha — sobre os Piryneus, e todos os dias o vai reforçando; e a mesma Hespanha achase em hum deploravel estado de anarquia, como todos sabem. Quem conhece o espirito que anima os Soberanos alliados, e o Rei da França, não se poderá capacitar de que viessem fazer hum Congresso á Italia para nos deixarem em paz, e reconhecer as nossas novas iustituições, contra as quaes até hoje se hão mostrado tão desafeiçoados. He preciso termos critica, e não nos illudirmos. Em quanto o exercito dos Piryneus não for chamado ao centro da França, devemos estar prevenidos para o que possa acontecer, e tratarmos de medidas de defeza. He bem provavel que de lá mesmo se espalhem idéas pacificas, a fim de suspendermos os nossos esforços, para quando menos o esperarmos, nos darem o golpe decisivo. Com taes inimigos assentemos que toda a cautela he pouca.